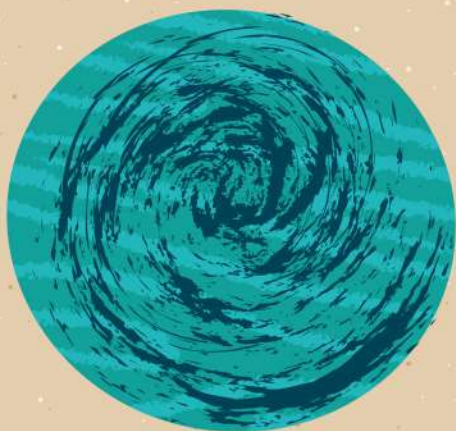
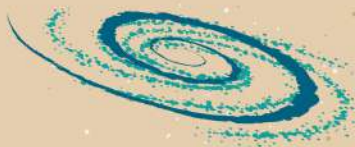


RAY BRADBURY

«NÃO HÁ NENHUM ESCRITOR COMO BRADBURY.»

The New York Times

O HOMEM ILUSTRADO



cavalo de ferro

ÍNDICE

DANÇAR PARA NÃO ESTAR MORTO	9
PRÓLOGO: O HOMEM ILUSTRADO.....	15
A SAVANA.....	23
CALEIDOSCÓPIO.....	43
O OUTRO PÉ.....	55
A ESTRADA	73
O HOMEM.....	79
A CHUVA DURADOURA.....	97
O HOMEM DO FOGUETÃO.....	117
A ÚLTIMA NOITE DO MUNDO	133
Os EXILADOS.....	139
NENHUMA NOITE OU MANHÃ EM PARTICULAR.....	159
A RAPOSA E A FLORESTA	173
O VISITANTE.....	195
A BETONEIRA.....	213
MARIONETAS, S. A.....	241
A CIDADE.....	253
A HORA ZERO	263
O FOGUETÃO.....	277
O HOMEM ILUSTRADO.....	291
EPÍLOGO	309

*Para Henry Kuttner,
com o meu sentido agradecimento
pela sua ajuda e incentivo
neste livro.*

DANÇAR PARA NÃO ESTAR MORTO

uma introdução de Ray Bradbury

Certa noite, enquanto me servia *Une Grande Beer*, o meu amigo empregado de mesa Laurent, que trabalhava na Brasserie Champs du Mars, perto da Torre Eiffel, falou-me da sua vida.

– Trabalho dez a doze horas, às vezes catorze – diz ele –, e depois, à meia-noite, vou dançar, dançar, dançar até às quatro ou cinco da manhã, e então deito-me e durmo até às dez e levanto-me à pressa para entrar ao serviço às onze e trabalhar mais dez, doze ou, às vezes, quinze horas.

– Como consegues fazer isso? – pergunto.

– Facilmente – responde. – Dormir é estar morto. É como a morte. Portanto, dançamos, dançamos para não estarmos mortos. Não queremos isso.

– Quantos anos tens? – pergunto-lhe, por fim.

– Vinte e três – responde.

– Ah – digo, tomando-lhe gentilmente o cotovelo. – Ah. Vinte e três, não é?

– Vinte e três – diz, sorrindo. – E tu?

– Setenta e seis – respondo. – E também não quero estar morto. Mas não tenho vinte e três anos. Como posso eu responder-te? O que é que *eu* faço?

– Sim – diz Laurent, ainda a sorrir e inocente –, o que fazes *tu* às três da manhã?

– Escrevo – respondo, finalmente.

– Escreves! – diz Laurent, espantado. – *Escreves?*

– Para não estar morto – afirmo. – Como tu.

– Eu?

– Sim – admito, entretanto também a sorrir. – Às três da manhã, escrevo, escrevo, escrevo!

– Tens muita sorte – diz Laurent. – És muito jovem.

– Por enquanto – digo, antes de acabar a cerveja e subir até junto da minha máquina de escrever para terminar uma história.

Qual é, então, a minha coreografia para enganar a Morte?

Numa lógica de história após história, *O Homem Ilustrado* esconde metáforas prestes a explodir.

Na maior parte dos casos, nem sequer sei que metáforas aguardam para ser impressas a partir da minha retina.

Teorizamos sobre o que se passa no cérebro, mas ele é, em grande medida, território desconhecido. A tarefa de um escritor é convencer a matéria oculta a sair para ver o que acontece. A surpresa, como já disse muitas vezes, é tudo.

Vejam os «Caleidoscópio», por exemplo. Certa manhã, há quarenta e seis anos, decidi fazer explodir um foguetão e lançar os meus astronautas na imensidão inexplorada do espaço para ver o que acontecia. O resultado foi uma história publicada em incontáveis antologias e que apareceu e reapareceu em auditórios de escolas e faculdades. Alunos de todo o país representaram a história em aula, ensinando-me, mais uma vez, que o teatro não precisa de cenários, luzes, figurinos ou som; apenas de actores, na escola, na garagem de alguém ou na parte dianteira de uma loja, que recitem as palavras e sintam a paixão.

O palco despedido de Shakespeare ainda continua a ser um excelente exemplo. Ao observar os jovens que interpretaram o território sombrio de «Caleidoscópio» numa luminosa tarde de Verão em San Fernando Valley, decidi escrever e levar à cena a minha própria versão. Como enfiámos um milhão de milhas de espaço interplanetário num palco de doze metros de largura por seis metros de profundidade perante uma plateia de noventa e nove

peças? *Fazemo-lo*, simplesmente. E quando o último meteoro humano cai a arder pelo céu, não restam olhos secos no público. O Espaço, o Tempo e o batimento dos corações de sete homens estão enclausurados nas palavras que, quando proferidas, os libertam.

E se é o termo operativo para muitas destas histórias.

E se aterrássemos num mundo distante precisamente um dia depois de Cristo ter partido para outro lugar? Ou e se Ele ainda lá estivesse à espera? Assim surgiu «O Homem».

E se pudéssemos criar um mundo dentro de uma sala, que quarenta anos mais tarde seria considerado a primeira Realidade Virtual, e puséssemos uma família nessa sala cujas paredes podiam influenciar as psiques e desencadear pesadelos? Construí a sala na minha máquina de escrever e deixei a minha família percorrê-la. Ao meio-dia, os leões tinham saltado das paredes e, no final, as minhas crianças tomavam chá.

E se um homem pudesse encomendar um robô marioneta que fosse o clone perfeito de si mesmo? O que aconteceria se ele o deixasse com a sua mulher enquanto saía à noite? Assim surgiu «Marionetas, S. A.»

*E se todos os escritores preferidos da nossa infância se escondessem em Marte porque os seus livros estavam a ser queimados na Terra? («Os Exilados», o início de outros fogos que eu atearia com livros três anos mais tarde em *Fahrenheit 451*.)*

E se as «pessoas de cor» (eram assim chamadas quando escrevi «O Outro Pé», em 1949) chegassem a Marte primeiro, criassem raízes, construíssem cidades e se preparassem para dar as boas-vindas aos brancos quando estes chegassem? O que aconteceria a seguir? Escrevi a história para o descobrir. Naquela altura, não consegui encontrar uma revista americana que a quisesse comprar. Foi muito antes do movimento de defesa dos direitos civis, a Guerra Fria estava a começar e a Comissão de Actividades Antiamericanas levava a cabo audiências lideradas por Parnell

Thomas (Joseph McCarthy chegaria mais tarde). Naquela atmosfera, nenhum editor queria aterrar em Marte com os meus imigrantes negros. Publiquei finalmente «O Outro Pé» na *New Story*, uma revista parisiense dirigida pelo filho de Martha Foley, David.

Então, mais uma vez, e se tivéssemos uma grande extensão de sucata no nosso quintal? Ficaríamos tentados a juntar as peças e viajar até à Lua? Havia um ferro-velho como este a pouco mais de dez metros da parte de trás da minha casa em Tucson, no Arizona, quando eu tinha doze anos. Ali fazia viagens lunares ao final da tarde e depois corria para o cemitério de locomotivas antigas a dois quarteirões de distância, onde subia às máquinas a vapor abandonadas para assobiar a caminho de Kankakee, de Oswego e da distante Rockaway. Entre o foguetão do ferro-velho e as locomotivas há muito perdidas, nunca parava em casa. E assim surgiu «O Foguetão».

Os e ses faziam ricochete na minha cabeça.

Por outras palavras, o lado esquerdo do meu cérebro, se é que *existe* um lado esquerdo, fazia sugestões. O lado direito do meu cérebro, se é que *existe* um lado direito, organizava-as.

As propostas do lado esquerdo de pouco valem se não estiver ninguém em casa no direito. Tive sorte com os meus genes. Deus, o Cosmos, a Força Vital, o que quer que seja, deu-me um lado direito capaz de apanhar tudo o que fosse arremessado pelo lado esquerdo. Uma metade, a esquerda, parece óbvia. A outra metade, a direita, permanece misteriosa, desafiando-nos a ir procurá-la e trazê-la para a luz.

As sessões espíritas, ou seja, a máquina de escrever, o computador, a caneta, o lápis e o papel estão lá para apanhar os fantasmas antes de estes se desvanecerem.

Basta de comédias, resmungaria o meu pai. De forma clara, o que queres tu dizer com tudo isto?

O que estou a tentar dizer é que o processo criativo é muito semelhante ao velho método de tirar fotografias com uma

enorme câmara, connosco entretidos sob um pano preto a procurar imagens no escuro. Os retratados podem não ter ficado quietos. Pode ter entrado demasiada luz. Ou pode não ter entrado luz suficiente. Apenas podemos procurar às escuras, mas procurar depressa, ansiando por um instantâneo revelado.

Estes são assim instantâneos revelados, despertados ao amanhecer, captados ao pequeno-almoço e finalizados ao meio-dia. Todos sem finais às dez da manhã, todos com desfechos felizes ou infelizes logo após o almoço ou com café fraco e *brandy* forte às quatro da tarde.

Dando uma oportunidade ao amor, como se diz numa velha canção.

Ou, nas palavras da canção do filme *The Twelve Chairs* (*Balbúrdia no Leste*), de Mel Brooks:

«Hope for the best
Expect the worst
You could be Tolstoy
or Fannie Hurst.»

Desejei ser como H. G. Wells ou fazer companhia a Júlio Verne. Quando construí um lugar onde viver entre os dois, fiquei em êxtase.

Termino como comecei. Com o meu amigo parisiense empregado de mesa Laurent a dançar a noite inteira, a dançar e dançar.

As minhas melodias e coreografias estão aqui. Preencheram os meus anos, os anos em que me recusei a morrer. E, nesse sentido, escrevi, escrevi, escrevi, ao meio-dia ou às três da manhã.

Para não estar morto.



Ray Bradbury

Prólogo

O HOMEM ILUSTRADO

Foi numa tarde quente do início de Setembro que conheci o Homem Ilustrado. Eu caminhava por uma estrada de asfalto e estava na parte final de uma excursão de duas semanas a pé pelo Wisconsin. Ao entardecer, parei, comi um pouco de carne de porco, feijão e um donute, e preparava-me para me esticar no chão a ler quando o Homem Ilustrado apareceu sobre a colina e ali ficou durante breves instantes, recortado contra o céu.

Naquele momento, não percebi que ele era ilustrado. Só percebi que era alto e já tinha sido musculado, mas agora, por alguma razão, começava a ganhar peso. Lembro-me de que tinha braços longos e mãos grossas, embora o rosto fosse como o de uma criança, encimando um corpo maciço.

Pareceu apenas ter presentido a minha presença, pois não olhou directamente para mim quando me dirigiu as primeiras palavras:

– Sabe onde posso encontrar trabalho?

– Temo que não – respondi.

– Em quarenta anos, não tive um único emprego duradouro.

Apesar de ser um final de tarde quente, o homem vestia uma camisa de lã justa e apertada até ao pescoço. As mangas da camisa estavam esticadas e abotoadas sobre os seus pulsos grossos. O suor escorria-lhe pelo rosto, mas ele não dava sinais de querer abrir a camisa.

– Bem – disse ele, por fim –, este parece ser um bom lugar para passar a noite. Importa-se que me junte?

— *Se quiser, sobrou-me alguma comida que terei todo o gosto em partilhar* — disse eu.

O homem sentou-se pesadamente e soltou um grunhido.

— *Vai arrepender-se de me ter convidado a ficar* — disse ele.
— *Todos se arrependem. É por isso que continuo a caminhar. Aqui estamos, no início de Setembro, no melhor da temporada das festas do Dia do Trabalhador. Deveria estar a fazer montes de dinheiro como atracção de feira de uma dessas cidades pequenas, mas aqui estou, sem perspectivas.*

Tirou um sapato enorme e examinou-o de perto.

— *Costumo manter um emprego durante cerca de dez dias. Depois acontece qualquer coisa e despedem-me. Hoje em dia, nenhuma feira popular dos Estados Unidos me quer ver por perto.*

— *Qual poderá ser o problema?* — perguntei.

Em forma de resposta, o homem desabotoou lentamente o colarinho justo. Com os olhos fechados, abriu devagar a camisa até abaixo e fez deslizar os dedos para dentro dela, para assim sentir o peito.

— *É engraçado* — disse ele, com os olhos ainda fechados. — *Não as consigo sentir, mas elas estão aqui. Anseio sempre pelo dia em que olhe e tenham desaparecido. Caminho ao sol durante horas nos dias mais quentes, a assar, com a esperança de que o meu suor as lave ou o sol as queime, mas, quando a noite chega, elas ainda cá estão.* — *Virou a cabeça ligeiramente na minha direcção e expôs o peito.* — *Ainda cá estão agora?*

Sustive a respiração durante alguns instantes e só depois expirei.

— *Sim* — disse eu. — *Ainda aí estão.*

As Ilustrações.

— *Outra razão para manter o colarinho abotoado* — disse ele, abrindo os olhos — *são as crianças. Seguem-me pelas estradas rurais. Toda a gente quer ver as imagens e, ao mesmo tempo, ninguém as quer ver.*

Tirou a camisa e enrolou-a entre as mãos. Estava coberto de Ilustrações desde o anel azul tatuado à volta do pescoço até à linha da cintura.

– Continua para baixo – disse ele, adivinhando os meus pensamentos. – Estou totalmente Ilustrado. Veja.

Abriu a mão. Na palma tinha uma rosa recém-cortada, com gotas de água cristalina entre as suaves pétalas rosadas. Estiquei a minha mão para lhe tocar, mas era apenas uma Ilustração.

Quanto ao resto do homem, não sei como pude ficar parado a observá-lo, pois ele era uma profusão de foguetões, fontes e pessoas, em cores e detalhes tão intricados que podíamos ouvir as vozes e os murmúrios apagados das multidões que lhe habitavam o corpo. Quando este estremeceu, as bocas minúsculas mexiam-se, os olhos minúsculos, em tons verdes e dourados, piscavam e as mãos minúsculas gesticulavam. Havia prados amarelos e rios azuis, montanhas e estrelas, sóis e planetas espalhados numa Via Láctea pelo seu peito. As pessoas dividiam-se em vinte grupos diferentes ou mais, situados nos braços, nos ombros, nas costas, nos flancos e nos pulsos do homem, bem como na zona plana do seu abdómen. Encontrávamo-las em florestas de pêlos, escondidas entre uma constelação de sardas ou à espreita em cavernas de axilas, com os olhos a brilhar como diamantes. Cada grupo parecia dedicado à sua própria actividade; cada grupo compunha uma distinta galeria de retratos.

– São belas! – exclamei.

Como descrever as Ilustrações? Se El Greco, no seu auge, tivesse pintado miniaturas, não maiores do que uma mão, infinitamente detalhadas, com todas as suas cores sulfurosas e conformações alongadas, talvez tivesse usado o corpo deste homem para a sua arte. As cores ardiavam em três dimensões. Eram como janelas abertas para uma realidade incandescente. Aqui, reunidas num mural, estavam as mais encantadoras cenas do Universo; o homem era uma galeria ambulante de tesouros. Não se tratava

da obra a três cores de um típico tatuador de feira pouco talentoso e com bafo a whisky. Tratava-se da realização vibrante, clara e bela de um gênio vivo.

– Oh, sim – disse o Homem Ilustrado. – Sinto-me tão orgulhoso das minhas Ilustrações que gostaria de as remover. Já tentei com lixa, ácido e uma faca...

O Sol estava a pôr-se. A Lua tinha já surgido a leste.

– Porque, está a ver – prosseguiu o Homem Ilustrado –, estas Ilustrações prevêem o futuro.

Mantive-me em silêncio.

– Durante o dia não há problema – continuou ele. – Posso manter um trabalho diurno numa feira. Mas à noite as imagens movem-se e transformam-se.

Devo ter sorrido.

– Há quanto tempo está Ilustrado?

– Em 1900, quando tinha vinte anos e trabalhava numa feira popular, parti a perna. O acidente obrigou-me a ficar imobilizado, e eu, para continuar a trabalhar, decidi deixar-me tatuar.

– Mas quem o tatuou? O que aconteceu ao artista?

– A artista regressou ao futuro – disse ele. – Estou a falar a sério. Era uma velha que habitava numa pequena casa algures no interior do Wisconsin, um lugar não muito distante daqui. Uma pequena e velha bruxa que parecia ter mil anos num momento e vinte no seguinte. Mas disse-me que ela podia viajar no tempo. Na altura, eu ri-me. Agora sei que era verdade.

– Como a conheceu?

O Homem Ilustrado contou-me a história. Tinha visto à beira da estrada uma placa pintada por ela: ILUSTRAÇÕES NA PELE! Ilustrações, não tatuagens! Artísticas! E lá ficou sentado a noite inteira, enquanto as agulhas mágicas da mulher o picavam ora como vespas, ora como abelhas delicadas. Pela manhã, parecia um homem que caíra numa prensa multicolor e dela saíra espremido, com todo o corpo brilhante e pitoresco.

– Há cinquenta anos que, durante o Verão, procuro aquela bruxa – disse ele, erguendo as mãos. – Quando a encontrar, vou matá-la.

O Sol tinha desaparecido. As primeiras estrelas brilhavam no céu e a Lua iluminava os prados e os campos de trigo. As imagens do Homem Ilustrado cintilavam na penumbra como carvões acesos, como esmeraldas e rubis dispersos, com as cores de Rouault e de Picasso e os corpos longos e esguios de El Greco.

– Portanto, quando as minhas imagens se começam a mover, as pessoas despedem-me. Não gostam quando ocorrem cenas violentas nas minhas Ilustrações. Cada Ilustração é uma pequena história. Se as observar atentamente, contarão uma história em poucos minutos. Em três horas de observação, poderá assistir ao desenrolar de dezoito ou vinte histórias no meu corpo, poderá ouvir vozes e captar pensamentos. Está tudo aqui, só tem de olhar. Mas há um lugar particularmente especial no meu corpo. – O Homem Ilustrado mostrou-me as costas. – Está a ver? Não há um desenho específico na minha omoplata direita, está tudo misturado.

– Sim.

– Sempre que passo algum tempo com alguém, esta zona fica nebulosa e depois ganha nitidez. Se estou com uma mulher, a imagem dela aparece aqui nas minhas costas ao fim de uma hora e revela-lhe a vida toda: como viverá e como morrerá, que aparência terá aos sessenta anos. E se estou com um homem, a imagem dele também aparece aqui passada uma hora. E pode mostrá-lo a cair de um penhasco ou a morrer debaixo de um comboio. Então, sou novamente despedido.

Enquanto falava, passava com as mãos sobre as Ilustrações, como que para ajustar as molduras e limpar-lhes o pó, esboçando os gestos de um conhecedor, de um patrono das artes. Depois recostou-se, longo e compacto sob o luar. Era uma noite

quente. Não havia brisas e o ar era abafado. Estávamos ambos sem camisa.

– E nunca chegou a encontrar a velha?

– Nunca.

– E acredita que ela veio do futuro?

– De que outra forma poderia ela saber estas histórias que me pintou no corpo?

Fechou os olhos, fatigado, e foi ficando com a voz mais fraca.

– Por vezes, à noite, consigo senti-las, as imagens, como formigas a rastejar sobre a minha pele. Nessas alturas, sei que fazem o que têm de fazer. Deixei de olhar para elas. Limite-me a tentar descansar. Não durmo muito. Evite também olhar para elas, é um aviso. Vire-se para o outro lado quando quiser dormir.

Deitei-me a poucos metros dele. O homem não parecia violento e as imagens eram belas. De outro modo, teria ficado tentado a afastar-me de tal conversa. Mas as Ilustrações... Deixei os meus olhos encherem-se delas. Qualquer um perderia um pouco o juízo com aquelas coisas sobre o corpo.

A noite estava serena. Conseguia ouvir a respiração do Homem Ilustrado à luz da Lua. Os grilos trilavam suavemente nas ravinas distantes. Eu estava deitado de lado para poder observar as Ilustrações. Passou talvez uma meia hora. Não sabia se o Homem Ilustrado estava a dormir ou não, mas, subitamente, ouvi-o sussurrar:

– Estão a mover-se, não estão?

Esperei um momento. Depois respondi:

– Sim.

As imagens moviam-se, cada uma por sua vez, durante um ou dois minutos. Ali, à luz da Lua, com o tinir dos minúsculos pensamentos e o marulhar das vozes distantes, cada um dos pequenos dramas parecia estar a desenrolar-se. Não sei dizer ao certo se estes dramas demoraram uma hora ou três até à sua conclusão.

Sei apenas que fiquei ali, fascinado, sem me mexer, enquanto as estrelas giravam no céu.

Dezoito Ilustrações. Dezoito histórias. Conteí-as uma a uma.

De início, os meus olhos fixaram-se numa cena, uma casa grande com duas pessoas lá dentro. Vi o voo de abutres num céu de carne ardente, vi leões amarelos e ouvi vozes.

A primeira Ilustração estremeceu e ganhou vida...

A SAVANA

- George, gostaria que visses o quarto de brincar das crianças.
- O que se passa com ele?
- Não sei.
- E então?
- Queria que o visses, só isso, ou que chamasses um psicólogo para o ver.
- O que faria um psicólogo num quarto de brincar?
- Sabes muito bem o que faria. – A mulher parou no meio da cozinha e observou o fogão a zumbir para si mesmo, ocupado com a preparação do jantar para quatro pessoas. – Parece-me que o quarto de brincar está diferente do que era antes.
- Está bem, vamos lá dar uma vista de olhos.

Atravessaram o corredor da Casa da Vida Feliz, uma casa insonorizada cuja instalação lhes custara trinta mil dólares e que os vestia, alimentava, embalava para dormir e tocava música, cantava e era boa para eles. A sua aproximação activou um sensor algures e a luz do quarto de brincar acendeu-se quando estavam a três metros dele. Também atrás deles, no corredor, as luzes tinham-se acendido e apagado à passagem do casal com uma suave automaticidade.

- Bem – disse George Hadley.

Encontravam-se sobre o chão coberto de palha do quarto de brincar. A divisão tinha doze metros de comprimento por doze de largura e nove de altura. Custara metade do preço total da

casa. «Mas nada é demasiado bom para os nossos filhos», dissera George.

O quarto de brincar estava em silêncio e tão vazio como a clareira de uma selva no calor do meio-dia. As paredes mantinham-se vazias e bidimensionais. No entanto, quando George e Lydia pararam no centro do quarto, as paredes começaram a produzir um ruído surdo e a recuar para uma distância cristalina, ou assim parecia, e surgiu então uma savana africana, a três dimensões, de todos os lados, com cores reproduzidas em detalhe até à mais pequena pedra ou pedaço de palha. O tecto por cima deles converteu-se num céu profundo com um escaldante Sol amarelo.

George Hadley sentiu o suor a brotar-lhe na testa.

– Vamos sair deste sol – disse ele. – Tudo isto é demasiado realista. Mas não vejo nada a funcionar mal.

– Espera um pouco e verás – disse-lhe a mulher.

Os odorizadores ocultos começaram a soprar um vento aromático sobre as duas pessoas no meio da savana abrasadora: o odor a erva seca e quente de leões, o odor fresco e verde de um pequeno lago escondido, o odor rançoso da presença animal, o odor a pó como paprica vermelha no ar ardente. E, depois, os sons: o trote de antílopes na erva ao longe, o adejar de abutres semelhante ao farfalhar de papel. Uma sombra atravessou o céu e apareceu subitamente por cima do rosto erguido e transpirado de George Hadley.

– Criaturas imundas – ouviu a mulher dizer.

– Abutres.

– Repara bem, há leões lá ao fundo, naquela direcção. Agora estão a caminho do lago. Acabaram de comer – disse Lydia. – Não sei o quê.

– Um animal qualquer. – George Hadley levantou a mão para proteger da luz intensa os olhos semicerrados. – Talvez uma zebra ou uma girafa.

– Tens a certeza?

A mulher parecia particularmente tensa.

– Não, é um pouco tarde para ter a certeza – disse ele, em tom de brincadeira. – Tudo o que consigo distinguir ali são ossos descarnados e os abutres a descer sobre o que sobrou.

– Ouviste aquele grito? – perguntou ela.

– Não.

– Há uns instantes.

– Desculpa, mas não.

Os leões estavam a aproximar-se. E George Hadley voltou a ficar cheio de admiração pelo génio mecânico que concebera aquele quarto. Um milagre da eficiência à venda por um preço absurdamente baixo. Todas as casas deveriam ter um. É verdade que, de vez em quando, ele nos assustava com a sua precisão clínica, fazia com que nos sobressaltássemos, gerava em nós um estremecimento, mas, na maior parte do tempo, era uma grande diversão para todos, e não apenas para o nosso filho e a nossa filha, também para nós próprios quando sentíamos vontade de dar um breve passeio por uma terra estrangeira, de mudar rapidamente de cenário. Pois bem, aqui estava essa vontade concretizada!

E aqui estavam agora os leões, a cerca de cinco metros de distância, tão reais, tão febril e surpreendentemente reais que era quase possível sentir o pêlo eriçado nas nossas mãos, e a nossa boca enchia-se com o cheiro a estofos poeirentos das suas peles aquecidas, e aquela cor amarela exibia-se diante dos nossos olhos como a cor de uma fina tapeçaria francesa, os amarelos dos leões e da erva no Verão, e o som do emaranhado pulmonar dos leões exalava no silêncio do meio-dia, e vinha um odor a carne das suas bocas que gotejavam, ofegantes.

Os leões ficaram a olhar, parados, para George e Lydia Hadley com os seus olhos verde-amarelados.

– Cuidado! – gritou Lydia.

Os leões corriam na direcção deles.

Lydia virou-se e desatou a fugir. Instintivamente, George lançou-se atrás dela. Já no corredor, depois de fecharem a porta com força, ele ria-se e ela chorava, e ambos se detiveram espantados com a reacção do outro.

– George!

– Lydia! Oh, minha querida, minha pobre e doce Lydia!

– Quase nos apanharam!

– São paredes, Lydia, não te esqueças; paredes de cristal, apenas isso. Ah, parecem reais, devo admitir: o continente africano na nossa sala. Mas não passam de filmes super-reaccionários e supersensíveis a cores multidimensionais e de películas mentais atrás de telas de vidro. Resume-se tudo a odorizadores e a acústica, Lydia. Toma o meu lenço.

– Estou assustada. – Lydia aproximou-se do marido, apertou o corpo contra o dele e chorou copiosamente. – Viste? *Sentiste?* É demasiado real.

– Ora, Lydia...

– Tens de dizer à Wendy e ao Peter para deixarem de ler sobre África.

– Claro... claro.

George deu-lhe umas palmadinhas nas costas.

– Prometes?

– Sim.

– E tranca o quarto de brincar durante alguns dias até que eu me consiga acalmar.

– Sabes bem como o Peter é difícil a esse respeito. Quando o castiguei há um mês, e tranquei o quarto de brincar por apenas algumas horas, a birra que ele fez! E a Wendy também. Eles *vivem* para o quarto de brincar.

– Tem de ser trancado, não há volta a dar.

– Está bem. – Relutantemente, George fechou à chave a porta enorme. – Tens trabalhado muito. Precisas de descansar.

– Não sei... não sei – disse ela, assoando o nariz e sentando-se numa cadeira que começou imediatamente a balançar e a confortá-la. Talvez não tenha o suficiente para fazer. Talvez tenha demasiado tempo para pensar. Porque não fechamos a casa inteira durante alguns dias e tiramos férias?

– Estás a dizer que estarias disposta a estrelar ovos para mim?

– Sim – respondeu Lydia.

– E a remendar as minhas meias?

– Sim – assentiu ela agitadoamente, com os olhos repletos de lágrimas.

– E a varrer o chão?

– Sim, sim... claro que sim!

– Mas eu pensava que tínhamos comprado esta casa exactamente por essa razão, para não termos de fazer nenhuma dessas coisas.

– A questão é essa. Sinto que não pertenço aqui. A casa, além de ama, é agora esposa e mãe. Posso competir com a savana africana? Posso dar banho e esfregar as crianças com a mesma eficiência da banheira de limpeza automática? Não posso. E não sou só eu. És tu também. Tens andado terrivelmente nervoso nos últimos tempos.

– Suponho que ando a fumar muito.

– Comportas-te como se também não soubesses o que fazer contigo nesta casa. Fumas um pouco mais de manhã, bebes um pouco mais ao final do dia e precisas de um pouco mais de sedativos à noite. Começas igualmente a sentir-te desnecessário.

– Será?

Fez uma pausa e tentou olhar para dentro e analisar o que sentia de verdade.

– Oh, George! – Lydia fixou os olhos além dele, na porta do quarto de brincar das crianças. – Aqueles leões não podem sair dali, pois não?

George observou a porta e notou que ela tremia como se algo tivesse saltado contra ela do outro lado.

– Claro que não – disse ele.

Jantaram sozinhos porque Wendy e Peter, que estavam numa feira popular de plástico no outro extremo da cidade, televisaram para dizer que se iriam atrasar e que começassem a comer sem eles. George Hadley sentou-se então abstraído, vendo a mesa de jantar confeccionar pratos de comida quente desde o seu interior mecânico.

– Esquecemo-nos do *ketchup* – disse ele.

– Perdão – disse uma voz ténue dentro da mesa, e o *ketchup* apareceu.

Quanto ao quarto de brincar, pensou George, as crianças não sairiam prejudicadas se ficasse fechado à chave durante algum tempo. Algo em excesso nunca fizera bem a ninguém. E era claro que elas tinham passado tempo a mais em África. Aquele *sol*. Ainda o sentia no pescoço como uma garra quente. E os *leões*. E o odor a sangue. Era notável o modo como aquele quarto captava as emanções telepáticas das mentes das crianças e criava vida para preencher todos os seus desejos. As crianças pensavam em leões e apareciam leões. Pensavam em zebras e apareciam zebras. No Sol, Sol. Girafas, girafas. Morte e morte.

Aquela *última* fronteira. Mastigou sem saborear a carne que a mesa lhe tinha cortado. O pensamento da morte. Eram demasiado jovens, Wendy e Peter, para pensarem sobre a morte. Ou talvez não, nunca se é demasiado jovem. Muito antes de saberes o que era a morte, já a desejas a outros seres. Quando tinhas dois anos e andavas a disparar contra pessoas com pistolas de brincar.

Mas aquilo – a grande e tórrida savana africana, a terrível morte na boca de um leão. E repetida vezes sem conta.

– Onde vais?

Não respondeu a Lydia. Preocupado, deixou que as luzes se fossem acendendo diante dele e apagando atrás de si enquanto caminhava até à porta do quarto de brincar. Encostou o ouvido à porta e escutou. Ao longe, rugia um leão.

Fez girar a chave e abriu a porta. Quando se preparava para avançar, ouviu um grito distante. E logo outro rugido dos leões, que rapidamente se extinguiu.

Entrou em África. Quantas vezes tinha aberto aquela porta durante o último ano e encontrado o País das Maravilhas, Alice e a Tartaruga Fingida, ou Aladino e a sua Lâmpada Mágica, ou Jack Cabeça de Abóbora da Terra de Oz, ou o Doutor Doolittle, ou a vaca que saltava sobre uma Lua de aparência bastante real – todas as encantadoras manifestações de um mundo de fantasia. Tinha visto com regularidade Pégaso a voar pelo céu do tecto ou fontes de fogo-de-artifício vermelho, ou tinha ouvido vozes de anjos a cantar. Mas agora surgia esta África ardente e amarela, este forno com a morte a cozinhar no seu calor. Talvez Lydia tivesse razão. Talvez precisassem de umas pequenas férias para se afastarem da fantasia que se tornara demasiado real para crianças de dez anos. Não havia problema algum em exercitar a imaginação com a ginástica da fantasia, mas quando a mente activa de uma criança se fixava *num* padrão... Parecia agora que, durante o último mês, ouvira o rugido de leões ao longe e sentira o seu forte odor, que chegara inclusivamente a infiltrar-se pela porta do seu escritório. No entanto, como estava ocupado, não lhe prestara atenção.

George Hadley mantinha-se quieto e sozinho sobre a pastagem africana. Os leões levantaram a cabeça do que estavam a comer e observaram-no. A única falha na ilusão era a porta aberta através da qual podia ver a mulher, ao fundo do corredor escuro, como uma imagem emoldurada, distraidamente a jantar.

– Desapareçam – disse aos leões.

Os leões não obedeceram.

George conhecia exactamente o princípio de funcionamento do quarto. Emitíamos os nossos pensamentos e eles, quaisquer que fossem, surgiriam.

– Venha Aladino e a sua lâmpada – gritou.

A savana manteve-se inalterada, bem como os leões.

– Vamos, quarto! Quero que apareça Aladino! – repetiu.

Nada aconteceu. Os leões resmonearam sob as suas peles quentes.

– Aladino!

Voltou à sala de jantar.

– Aquele quarto estúpido está avariado – disse ele. – Já não responde.

– Ou...

– Ou o quê?

– Ou *não* consegue responder – disse Lydia –, porque as crianças pensaram tantos dias em África e leões e morte que ficou preso na rotina.

– É uma hipótese.

– Ou o Peter configurou-o para se manter assim.

– *Configurou-o?*

– Pode ter mexido na maquinaria e alterado alguma coisa.

– O Peter não conhece a maquinaria.

– É muito inteligente para um menino de dez anos. O coeficiente de inteligência dele...

– Ainda assim...

– Olá, mãe. Olá, pai.

Os Hadley viraram a cabeça. Wendy e Peter tinham chegado e entravam pela porta principal com os rostos corados como rebuçados e os olhos brilhantes como berlindes de ágata azul. Traziam um odor a ozono na roupa devido à viagem no helicóptero.

– Chegaram mesmo a tempo do jantar – disseram os pais.

– Empanturrámo-nos de gelado de morango e cachorros-quentes – disseram as crianças, de mãos dadas. – Mas ficaremos sentados a ver-vos comer.

– Sim, falem-nos do quarto de brincar – disse George Hadley. O irmão e a irmã vacilaram, ficando a olhar para o pai e depois um para o outro.

– O quarto de brincar?

– Queremos saber tudo sobre África – disse o pai, com falsa jovialidade.

– Não compreendo – disse Peter.

– A vossa mãe e eu estivemos a viajar por África de vara e carretel: Tom Swift e o seu Leão Eléctrico – disse George Hadley.

– Não há África nenhuma no quarto de brincar – disse Peter simplesmente.

– Oh, vá lá, Peter. Não te faças de desentendido.

– Não me lembro de nenhuma África – disse Peter para Wendy. – E tu?

– Também não.

– Vai lá ver depressa e depois volta para nos contares.

A menina obedeceu.

– Wendy, volta aqui! – disse George Hadley. Mas a menina já tinha ido embora. As luzes da casa seguiram-na como um bando de pirilampos. Demasiado tarde, George Hadley deu-se conta de que se tinha esquecido de fechar o quarto de brincar à chave depois da última inspecção.

– A Wendy verá e voltará para nos contar – disse Peter.

– Ela não tem de *me* contar nada. Eu mesmo o vi.

– Estou certo de que te enganaste, pai.

– Não me enganei, Peter. Vem comigo.

No entanto, Wendy já estava de regresso.

– Não é África – disse ela, sem fôlego.

– Vamos ver o que se passa – disse George Hadley, e todos atravessaram o corredor juntos e abriram a porta do quarto de brincar.

Lá dentro, havia uma floresta verde magnífica, um rio maravilhoso, uma montanha púrpura, cantos de vozes agudas, e Rima, encantadora e misteriosa, espreitando entre as árvores com os seus longos cabelos nos quais pairavam borboletas coloridas, como ramos de flores animadas. A savana africana tinha desaparecido. Os leões tinham desaparecido. Apenas Rima ali estava agora, cantando uma canção tão bela que era capaz de nos encher os olhos de lágrimas.

George Hadley observou o cenário alterado.

– Vão para a cama – ordenou ele aos filhos.

Os filhos abriram a boca para falar.

– Ouviram bem – reforçou o pai.

Obedecendo-lhe, saíram para a câmara de ar, onde um vento os transportou como folhas secas até aos seus quartos de dormir.

George Hadley caminhou pela clareira da floresta canora e apanhou algo que jazia num canto perto de onde tinham estado os leões. Voltou lentamente para junto da mulher.

– O que é isso? – perguntou ela.

– Uma velha carteira minha – respondeu ele, mostrando-lha.

A carteira cheirava ainda a erva quente e a leão. Havia nela algumas gotas de saliva, pois tinha sido mordida, e manchas de sangue em ambos os lados.

George Hadley fechou a porta do quarto de brincar e trançou-a com cuidado.

A meio da noite, ainda continuava acordado e sabia que a mulher também o estava.

– Achas que foi a Wendy quem fez a mudança? – perguntou ela por fim, no quarto às escuras.

– Claro.

– Trocou a savana por uma floresta e pôs a jovem Rima ali em vez dos leões?

– Sim.

– Porquê?

– Não sei. Mas vai ficar fechado à chave até que o descubra.

– Como é que a tua carteira ali apareceu?

– Já não sei nada – respondeu ele –, a não ser que começo a ficar arrependido por ter comprado aquele quarto para os nossos filhos. Se as crianças forem neuróticas, um quarto como aquele...

– É suposto ajudá-las a superar as suas neuroses de forma saudável.

– Começo a duvidar.

Fixou os olhos no tecto.

– Sempre lhes demos tudo o que queriam. E é esta a nossa recompensa: segredos e desobediência?

– Quem foi que disse: «As crianças são como tapetes; às vezes, é preciso andar em cima delas»? Nunca lhes levantámos a mão. E são insuportáveis, é preciso admiti-lo. Vão e vêm quando lhes apetece. Tratam-nos como se fôssemos nós os filhos. Estão mimadas, e nós também.

– Têm andado estranhas desde que as proibiste de ir de foguetão a Nova Iorque há uns meses.

– Não têm idade suficiente para irem sozinhas. Expliquei isso bem.

– Ainda assim, não há dúvidas de que, desde então, têm andado muito frias connosco.

– Vou pedir ao David McClean que venha amanhã de manhã dar uma vista de olhos a África.

– Mas já não é África, é o cenário de *A Flor Que não Morreu* e Rima, a rapariga da floresta.

– Tenho um pressentimento de que em breve voltará a ser de novo África.

Passado um instante, ouviram gritos.

Dois gritos. Duas pessoas que gritavam no piso de baixo. E, de seguida, rugidos de leões.

– A Wendy e o Peter não estão nos quartos – disse Lydia.

George permaneceu deitado na cama com o coração aos saltos.

– Não – disse ele. – Forçaram a porta e entraram no quarto de brincar.

– Aqueles gritos... pareciam familiares.

– Pareciam?

– Sim, muito.

E, apesar de as suas camas se esforçarem ao máximo, os dois adultos só conseguiram adormecer dali por uma hora. Um odor a felinos alastrava-se pelo ar nocturno.

– Pai? – disse Peter.

– Sim?

Peter fixou os olhos nos seus próprios sapatos. Já não olhava para o pai, nem para a mãe.

– Não vais trancar o quarto de brincar para sempre, pois não?

– Depende.

– Do quê? – quase gritou Peter.

– De ti e da tua irmã. Se intercalarem esta África com alguma variedade... talvez com um pouco de Suécia, Dinamarca ou China...

– Pensei que éramos livres de brincar da maneira que quiséssemos.

– E são, dentro de limites razoáveis.

– O que é que África tem de mal, pai?

– Ah, então admites que a tens feito aparecer?

– Não quero que o quarto de brincar fique fechado à chave – disse Peter, friamente. – Nunca.

– Na realidade, estamos a ponderar desligar a casa durante um mês inteiro. Viver uma espécie de existência despreocupada em que nos valemos uns aos outros.

– Isso parece medonho! Teria de atar os meus próprios atacadores em vez de deixar que o atador o fizesse por mim? E ser eu a escovar os dentes, pentear-me e lavar-me?

- Para variar, seria divertido, não achas?
 - Não, seria horroroso. Nem sequer gostei quando me tiraste a máquina de pintar no mês passado.
 - Queria que aprendesses a pintar por ti mesmo, filho.
 - Não quero fazer nada, excepto olhar, ouvir e cheirar. O que mais há realmente para fazer?
 - Está bem, vai brincar em África.
 - Desligarás a casa em breve?
 - Estamos a pensar nisso.
 - Penso que seria melhor que não pensassem mais nisso, pai.
 - Não admito que o meu próprio filho me ameace!
 - Muito bem.
- Peter afastou-se, dirigindo-se ao quarto de brincar.

- Cheguei a tempo? – perguntou David McClean.
 - Queres tomar o pequeno-almoço? – convidou George Hadley.
 - Obrigado. Já comi. Qual é o problema?
 - David, tu és psicólogo.
 - Creio bem que sim.
 - Bem, então dá uma vista de olhos ao quarto de brincar dos nossos filhos. Já o viste há um ano quando passaste por cá. Não notaste nada fora do comum na altura?
 - Creio que não. Vi as violências típicas, a tendência para uma ligeira paranóia aqui ou ali, normal nas crianças porque se sentem perseguidas constantemente pelos pais, mas, bem, nada de especial.
- Atravessaram o corredor.
- Fechei o quarto de brincar à chave – explicou o pai – e as crianças forçaram a entrada durante a noite. Deixei que lá ficassem para que pudessem formar os padrões de modo que os observasses.
- Do quarto de brincar vinham gritos terríveis.

– Aqui está – disse George Hadley. – Vê o que te parece.

Entraram sem bater à porta.

Os gritos tinham cessado. Os leões estavam a comer.

– Saíam por uns instantes, meninos – disse George Hadley.

– Não, não mudem a combinação mental. Deixem as paredes tal como estão. Saíam!

Com as crianças fora do quarto, os dois homens ficaram imóveis a estudar os leões, que, amontoados a alguma distância, comiam com grande satisfação aquilo que tinham caçado.

– Gostava mesmo de saber o que é – disse George Hadley. – Às vezes, quase que consigo ver. Parece-te que com a ajuda de uns binóculos potentes...

David McClean soltou um riso seco.

– Dificilmente. – Virou-se para examinar as quatro paredes.

– Há quanto tempo dura isto?

– Há pouco mais de um mês.

– Em boa verdade, *sinto* que algo não está bem.

– Preciso de factos, não de sensações.

– Meu caro George, um psicólogo nunca viu um facto na vida. Apenas presta atenção às sensações, a coisas vagas. E, repito, sinto que algo não está bem. Confia nas minhas impressões e na minha intuição. Consigo perceber quando a situação é má. E esta afigura-se-me muito má. O meu conselho é que desmontes este quarto maldito e que me tragas os teus filhos todos os dias durante um ano para tratamento.

– É assim tão má?

– Receio que sim. Um dos propósitos originais destes quartos de brincar era o estudo dos padrões deixados nas paredes pelas mentes das crianças, podendo nós assim analisá-los com tempo e ajudá-las. Neste caso, porém, o quarto converteu-se num canal de pensamentos destrutivos, em vez de um meio de libertação deles.

– Não tinhas já detectado isto antes?

– Apenas detectei que tinham mimado mais os vossos filhos do que a maioria dos pais. E agora estão a desiludi-los de algum modo. De que modo?

– Não deixei que fossem a Nova Iorque.

– E que mais?

– Retirei algumas máquinas da casa e ameacei, há um mês, fechar o quarto de brincar se não fizessem os trabalhos de casa. E, de facto, tranquei-o durante alguns dias para ver se aprendiam.

– Ah, claro!

– Terá isso algum significado?

– Todo o significado. Onde antes tinham um Pai Natal, agora têm um Sr. Scrooge. As crianças preferem o Pai Natal. Deixaste que este quarto e esta casa te substituíssem a ti e à tua mulher no afecto dos vossos filhos. Este quarto é o pai e a mãe deles, muito mais importante nas suas vidas do que os pais verdadeiros. E agora vens tu e queres desligá-lo. Não admira que haja aqui ódio. Conseguimos senti-lo no ar. Sente este sol. George, terão de mudar a vossa vida. Como muitos outros, construíram-na em torno dos confortos materiais. Mas amanhã morreriam de fome se a vossa cozinha avariasses. Não saberiam estrelar um ovo. Ainda assim, desliga tudo. Comecem de novo. Vai levar tempo. Mas num ano conseguiremos curar estas crianças, vais ver.

– Fechar o quarto tão abruptamente e para sempre não será um choque demasiado grande para as crianças?

– Não quero que se continuem a embrenhar nisto, é só isso. Os leões tinham terminado o seu festim vermelho.

Ainda na orla da clareira, observavam os dois homens.

– Agora sou *eu* quem se sente perseguido – disse McClean.

– Vamos sair daqui. Nunca gostei destas malditas divisões. Deixam-me nervoso.

– Os leões parecem verdadeiros, não parecem? – perguntou George Hadley. – Suponho que não há nenhum modo de...

– De quê?

– De se *tornarem* reais?

– Que eu tenha conhecimento, não.

– Alguma falha na maquinaria, uma alteração de alguma natureza?

– Não.

Dirigiram-se para a porta.

– Não creio que o quarto vá gostar de ser desligado – disse o pai.

– Ninguém gosta de morrer... Nem sequer um quarto.

– Pergunto cá comigo se me odeia por querer desactivá-lo.

– A paranóia abunda por aqui hoje – disse David McClean.

– Podemos seguir-lhe o rasto. Olha. – Curvou-se e apanhou um lenço ensanguentado. – É teu?

– Não. – O rosto de George Hadley ficou rígido. – É da Lydia.

Foram juntos até à caixa de fusíveis e desligaram o disjuntor que desligava o quarto de brincar.

As duas crianças ficaram histéricas. Gritaram, espernearam e atiraram coisas pelo ar. Berraram, soluçaram, praguejaram e bateram nos móveis.

– Não podes fazer isso ao quarto de brincar, não podes!

– Vá lá, meninos.

As crianças afundaram-se num sofá a chorar.

– George – disse Lydia Hadley –, volta a ligá-lo, só por alguns momentos. Não podes ser tão brusco.

– Não.

– Não podes ser tão cruel.

– Lydia, está desligado e vai permanecer desligado. E toda a maldita casa morrerá não tarda nada. Quanto mais me apercebo da embrulhada em que nos metemos, mais doente fico. Andamos há demasiado tempo a contemplar os nossos umbigos electrónicos. Meu Deus, precisamos de respirar ar verdadeiramente puro!

O Homem Ilustrado é uma figura errante e enigmática; com o seu corpo ricamente adornado por ilustrações, não passa de uma aberração digna de um espectáculo de feira. Agora está velho e procura trabalho, mas em vão. Todos fogem dele quando olham para o mural de multidões, rios, foguetões, sóis ou estrelas que tem gravado na pele. Obra de arte ou feitiçaria que prevê o destino da humanidade? À noite, as ilustrações movem-se e transformam-se, contam histórias sobre viagens no tempo, realidades virtuais ou a vida noutros planetas, e revelam a morte de quem ousa observá-las longamente, ouvir as suas vozes e captar os seus pensamentos.

Um dos livros mais famosos de Ray Bradbury, adaptado com sucesso ao cinema, à rádio e à televisão, *O Homem Ilustrado* mergulha na psicologia e nas emoções mais íntimas do ser humano que habita em mundos futuros mas assustadoramente parecidos com o nosso. Aliando fantasia, lirismo e terror, esta é uma das grandes obras visionárias de Bradbury, que influenciou gerações de escritores, músicos, artistas e cineastas.

«Ray Bradbury é detentor de uma imaginação desenfreada e misteriosa, que decerto mereceria o respeito de Edgar Allan Poe.»




The Guardian

«É impossível ficar indiferente ao vigor da prosa, às imagens e metáforas que jorram sem parar da sua imaginação.»

Spectator



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896234614



9 789896 234614 >